

CA — TÁ LO — GO

EXPOSIÇÃO DE PINTURA
SAUDADE OU *ET L'OR DE LEUR CORPS*

ABEL JÚPITER

1 JUN - 1 JUL 2022



POLITÉCNICO
DE LISBOA



ESPAÇOARTES
POLITÉCNICO DE LISBOA

ESTRADA DE BENFICA, 529, 1549-020 LISBOA

(Página deixada propositadamente em branco)

SAUDADE OU *ET L'OR DE LEUR CORPS* A PINTURA DE ABEL JÚPITER

What though the radiance
which was once so bright
Be now for ever taken from my sight,
Though nothing can bring back the hour
Of splendour in the grass,
of glory in the flower,
We will grieve not, rather find
Strength in what remains behind;
In the primal sympathy
Which having been must ever be;
In the soothing thoughts that spring
Out of human suffering;
In the faith that looks through death,
In years that bring the philosophic mind.

William Wordsworth – “Splendour in the grass”

Uma exposição de Abel Júpiter é uma fantástica prova da união dos povos português e timorense, que se encontraram um dia na história, daí tendo nascido uma relação e ficando os dois povos iniludivelmente ligados, num vínculo tão forte que jamais se perderá. A grande curiosidade, no caso de Abel Júpiter, é verificar a forma como ele incorpora um sentimento comum, convertido numa palavra da língua portuguesa, intraduzível em qualquer outra língua: Saudade. Efetivamente “saudade” é muito mais do que o termo para que é habitualmente traduzível em língua tétum, neon nacfaler, muito mais perto da lembrança do passado, sem a componente nostalgia que a saudade também incorpora, porque é disso que se trata, a saudade de uma vida, a saudade de um tempo, que jamais voltará, mas que deixou algo de muito bom. Aquilo de que nos fala William Wordsworth no seu mais belo poema, as coisas que nos foram retiradas para sempre, mas que embora nada as possa trazer de volta, não devem ser choradas, mas antes servirem de base para um desejo renovado de viver novas realidades.

Abel Júpiter é natural de Baucau, no remoto ano de 1990 parte para Macau motivado pelo período terrível que o território timorense vivia com uma ocupação repressora, que Ruy Cinatti parecia que adivinhava quando redigiu o poema "Morte em Timor", narrando a terra onde «[...] um fogo fino paira, / alastra, crepita quando da terra se aproxima / e crescente, envolvente, cerca os montes / e coroa se afirma.». Em 1998 chega para Portugal.

Assim, seria em Portugal que se fez homem, constituiu família, trabalhou e se fez pintor. Não obstante, vai regressando ao seu país de origem sempre que pode e, uma vez de novo em Portugal, pinta a terra que ama, pinta Timor Lorosae, que jamais esquece. Assim, o solo que um dia foi mártir renasce a cada pintura de Abel Júpiter. É o mundo que é compreendido, um universo muito particular que é representado, as gentes, as casas, as terras, o mar, a fauna, a flora e aqui vem-nos à memória um dos mais notáveis poemas de um homem que viveu Timor como muito poucos, o poeta Ruy Cinatti que em "Análise" tão bem descreveu as terras que o autor pinta, pois é por aqui que se pode compreender a pintura de Abel Júpiter, sem dúvida um magnífico embaixador de um país ao qual regressa nas suas obras e nos faz regressar, mesmo aos que nunca lá foram, a cada pintura que executa.

Na área de técnica de pintura Abel Júpiter encontra as técnicas mais aptas para representar o mundo que, embora muito concreto, se torna difuso. Trata-se da representação de imagens de memória, como se houvesse uma técnica específica para representar a saudade.

Tecnicamente a pintura de Abel Júpiter tem uma pureza inesperada, vê-se que não é um académico. Vale a pena chamar à colação Henri Edmond Cross que sob a influência de Monet, mudou a paleta cromática, passando a pintar com renovados brilhos, mas jamais copiando a pintura daquele mestre, antes desenvolvendo novas formas que o colocaram no lugar cimeiro do neo-impressionismo e com quem Abel Júpiter partilha afinidades eletivas, mas desenvolvendo um processo muito próprio, transportando estas formas para o século XXI. Assim, pega nas pesquisas dos pós-impressionistas, muito perto do pontilhismo, veja-se por exemplo as obras "O pescador na baía de Díli" ou ainda mais em "O pôr do sol na baía de Díli" que podemos comparar com as técnicas prescritas por de Paul Signac e leva-as mais longe criando uma atmosfera muito própria, só sua, onde autoria é claramente reconhecível. Em outras obras verifica-se uma notável evolução, ficando muito mais perto do Simbolismo, muito mais perto do que Gauguin viria a fazer em ilhas do Pacífico e a este respeito são iniludíveis as obras de toda a série "O meu Timor".

Há, ainda, algo na sua pintura que pode ser definido como radiance, que dificilmente pode ser traduzida como brilho, muito menos como luminosidade ou luz, mas que também pode ser entendida como esplendor, neste caso um esplendor que vive nas coisas mais simples, exatamente a mesma fulgência, mas tão mara-

vilhosa sobre a qual William Wordsworth escreveu o mais belo dos seus poemas e que Elia Kazan também encontrou na simplicidade da relva.

Por fim, para o entendimento da pintura de Abel Júpter será, também, interessante estabelecer um paralelismo entre duas situações completamente diversas, a do já referido Paul Gauguin quando abandonou França e foi viver, primeiro para o Taiti e depois para as ilhas Marquesas onde aliás viria a falecer, apaixonando-se pelo seu novo “país” e a oposta, a de Abel Júpter que foi forçado a abandonar o seu país pelo qual se tinha enamorado. Em comum, a beleza da paisagem, das casas, mas sobretudo das gentes, quer da Polinésia, quer de Timor, cujos habitantes têm os corpos de ouro, como Gauguin tão bem compreendeu e que o levou a titular uma das obras mais emblemáticas com a designação de “*Et l’or de leur corps*”, uma pintura hoje preservada no Musée d’Orsay, em Paris, ou Júpter a pintar “Nina” ou “Tebe dai”.

Porque, no fundo, é disso que se trata, de um tesouro que passa a viver no interior de quem visita, ou conhece, ainda que através da pintura de Abel Júpter, a magnífica terra de Timor.

Paulo Morais-Alexandre

Académico correspondente da Academia Nacional de Belas-Artes; Professor Coordenador da Escola Superior de Teatro e Cinema do Instituto Politécnico de Lisboa; Presidente da Escola Superior de Educação de Lisboa; Comendador da Ordem do Ouissam Alaouite (Reino de Marrocos).

Afiliação institucional: Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Teatro e Cinema, Avenida Marquês de Pombal, 22 B, 2700-571 Amadora, Portugal; Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes (CIEBA), Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal;. E-mail: pmorais@estc.ipl.pt.

BIOGRAFIA DE ABEL JÚPITER



Abel Júpter Tchong Freitas da Silva

Natural de Baucau - Timor Lorosae.

Viveu toda a sua infância em Timor durante a ocupação indonésia.

Aos 19 anos deixou Timor com destino a Jacarta, onde permaneceu durante 5 meses, seguindo depois clandestinamente para Macau.

Em Macau estudou e trabalhou até Agosto de 1998, ano em que veio para Portugal. Licenciou-se em Ciência Política e Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

O seu gosto pela pintura manifestou-se desde pequeno. Em Timor dada a situação vivida nunca teve oportunidade de pintar seriamente, mas também nunca deixou de interessar pela pintura, procurando sempre aprender, pintando de tela para tela sempre que possível.

Quando pinta, ser fiel a si mesmo, deixa que as coisas aconteçam, pois, acredita que cada pintor tem dentro de si algo que funciona de acordo com as suas necessidades. Na sua pintura procura retratar pessoas simples do campo pelas quais tem uma grande admiração e respeito, combinando-os com os espaços rurais onde passou a sua infância.

Tem representado Timor Lorosae em várias exposições nacionais e internacionais, destacam-se os seguintes:

- “Arte Timorense” no Museu do Oriente em Lisboa - 2010;
- Fundação Medeiros e Almeida “Semana Cultural da CPLP” em Lisboa - 2010;
- “Bienal de Culturas Lusófonas de 2011, 2013, 2015 e 2017” promovido pela Câmara Municipal de Odivelas;
- Casa Museu em Macau - Arte Contemporânea dos Países de Língua Portuguesa no âmbito da 5ª Semana Cultural entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Taipa - Macau) - 2013;
- Galeria de Arte do Casino Estoril – Artistas dos Países Lusófonos - 2013;
- 1ª Edição da Exposição da Lusofonia no Clube Militar em Macau – 2015;
- Exposição Coletiva “Reencontro” na Casa da Cultura Lívio de Moraes – 2020 (com alguns dos grandes pintores conceituados como Artur Bual, Carybé (Hector Bernabó) David Levi Lima, José Padua, Lívio de Moraes, Malangatana, Paulo Ossião e entre outros).
- Exposição Coletiva dos Artista do Círculo Artur Bual, em Santiago do Cacém – Museu Municipal. - 2021

*A ilha é de terra e água
e de efeito contra-mútuo:
floresta que, tal a vaga,
ascende do mar à nuvem.
O ar respiram-no todos:
plantas, animais e homens
que no fogo forjam armas
e com elas ferem lume.
O fogo consome os homens
em sua nudez telúrica.
Água, fogo, terra e ar
nutrem de nervo e alma
um panorama essencial.
O fogo é o mais obscuro.*

Ruy Cinatti – “Análise” in Uma Sequência Timorense



O meu Timor I

SAUDADE OU *ET L'OR DE LEUR CORPS*



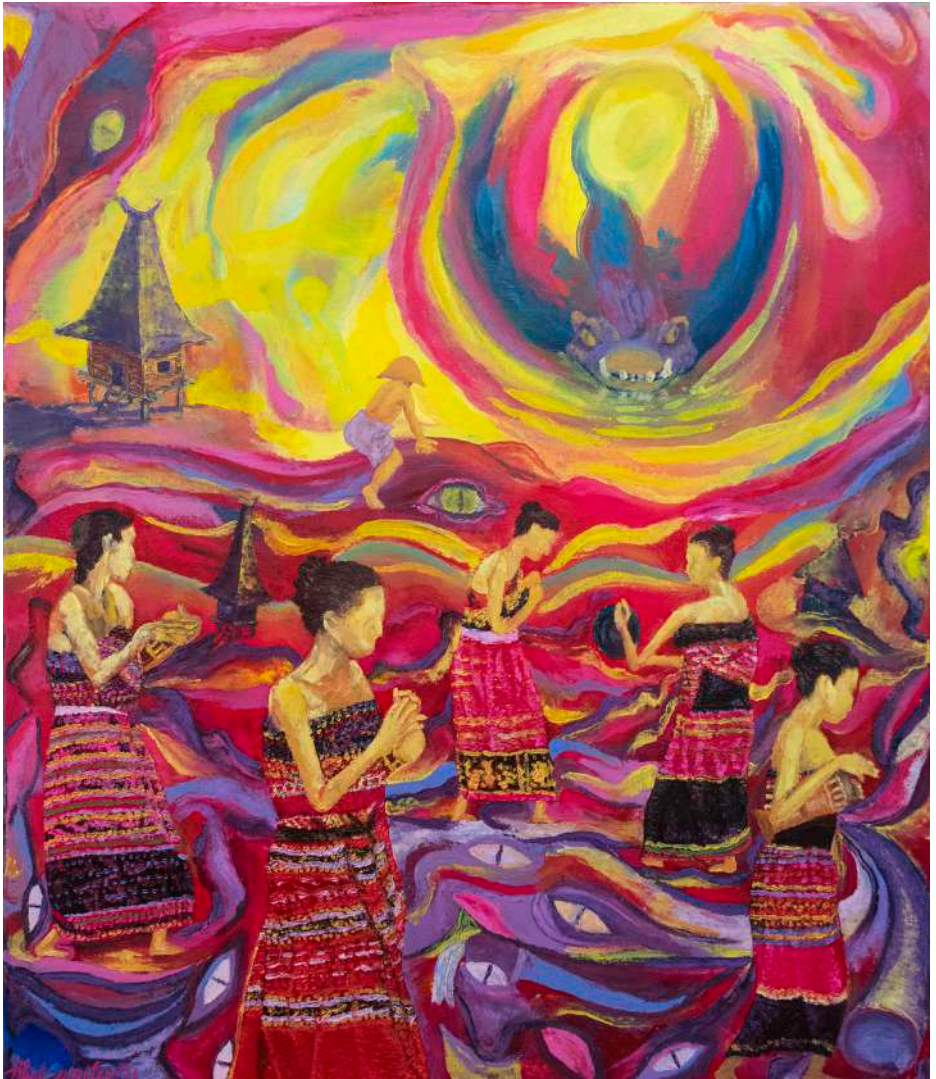
O meu Timor



O meu Timor II



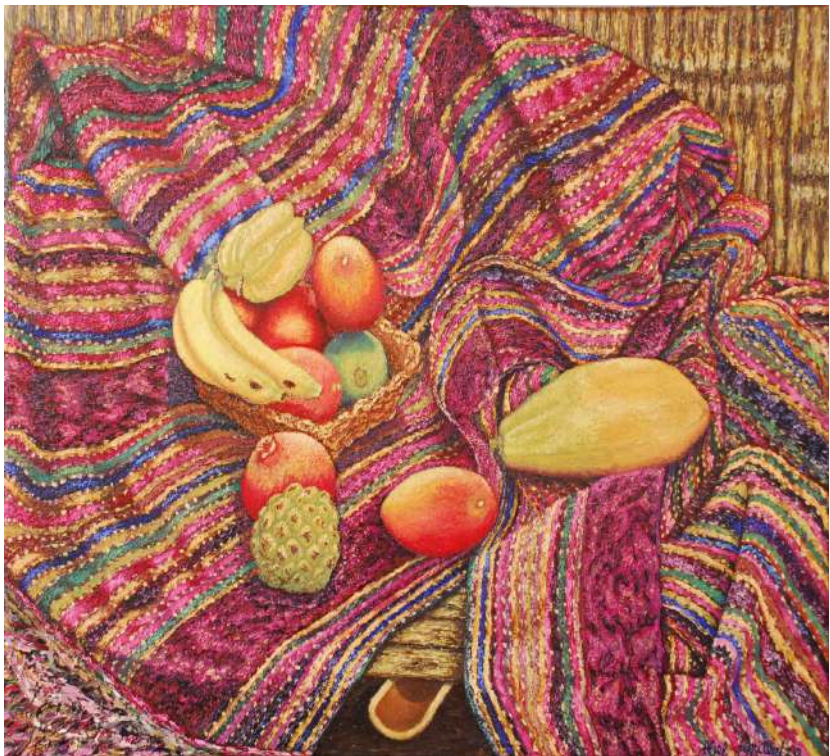
O meu Timor III



O meu Timor IV



O pôr do sol na baía de Dili



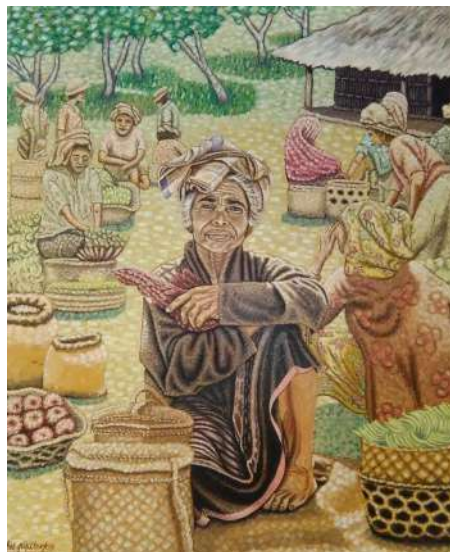
Cesto com frutos exóticos e tais



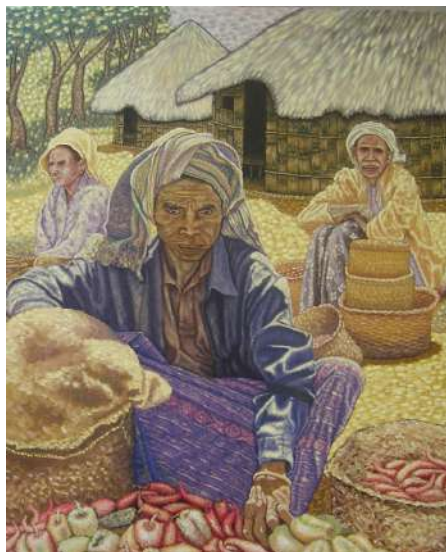
Tebe dai



Nina



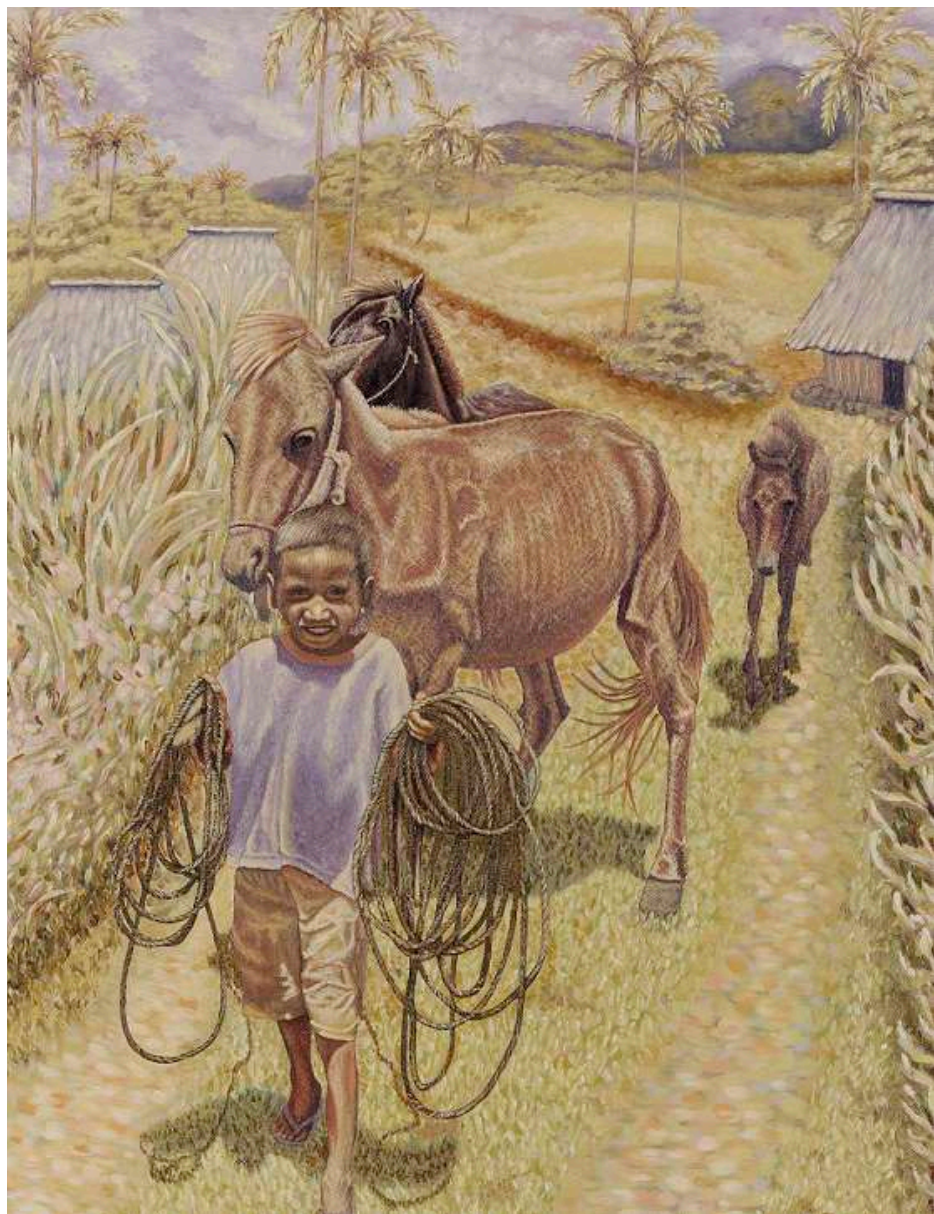
Bazar III



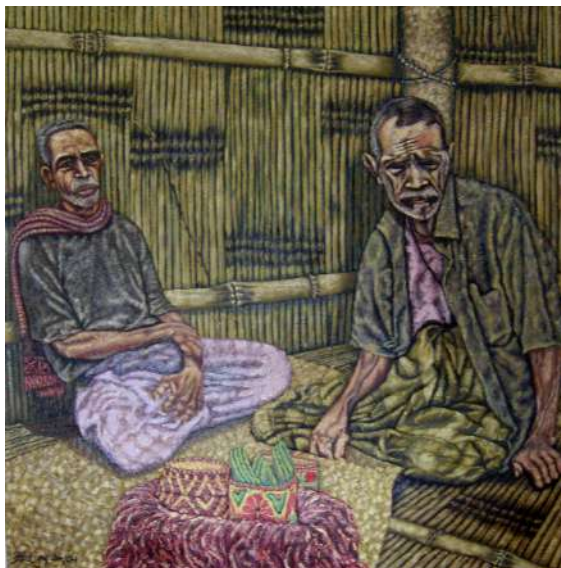
Bazar VI



Entardecer em Timor



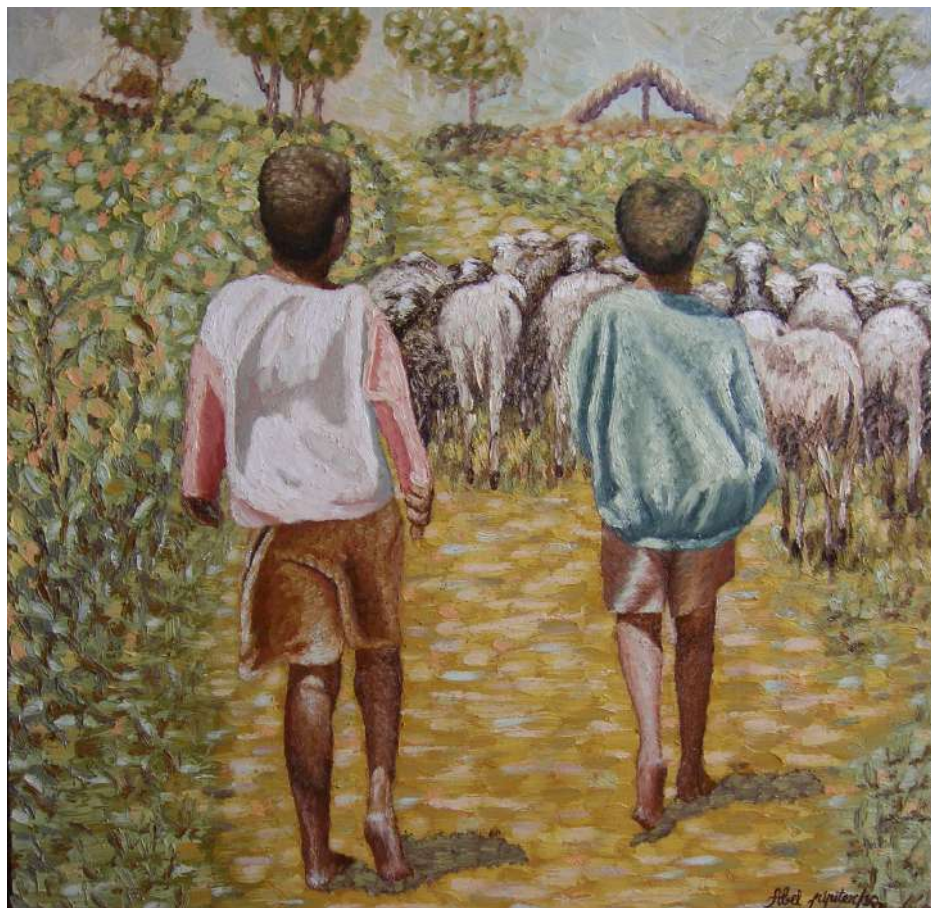
Menino e os seus cavalos



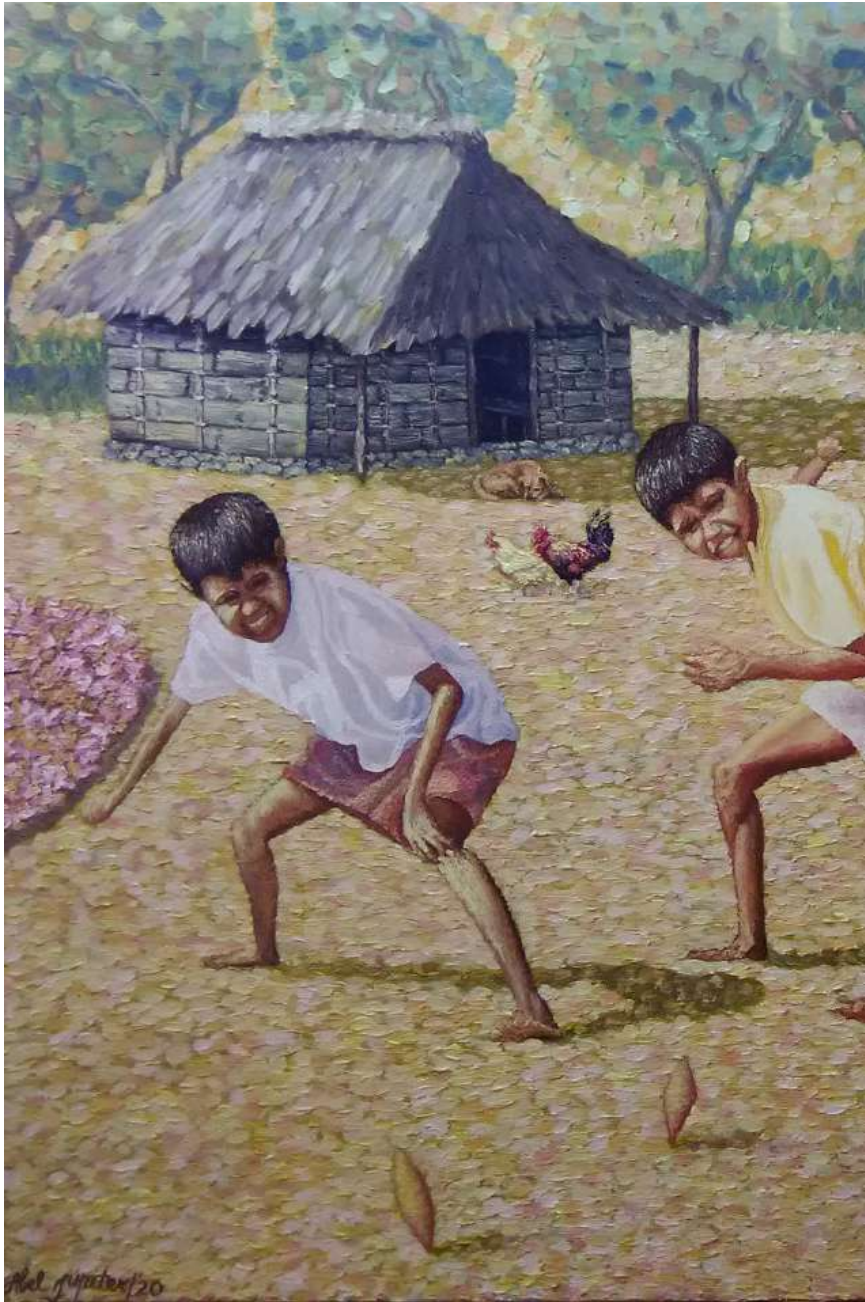
Anciãos



Trabalho Doméstico

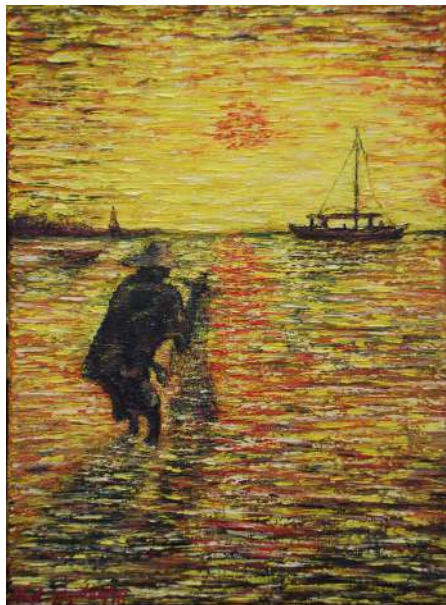


A minha infância

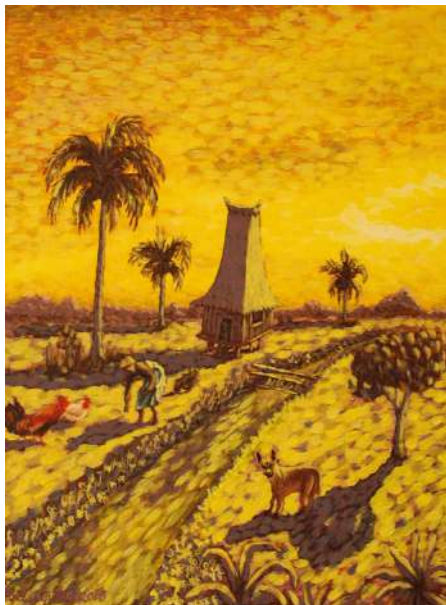




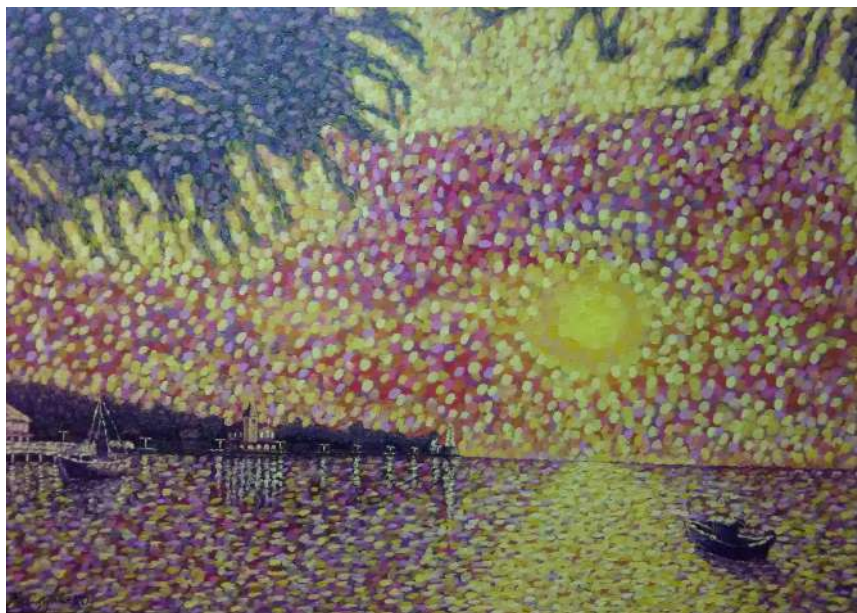
As minhas brincadeiras de criança



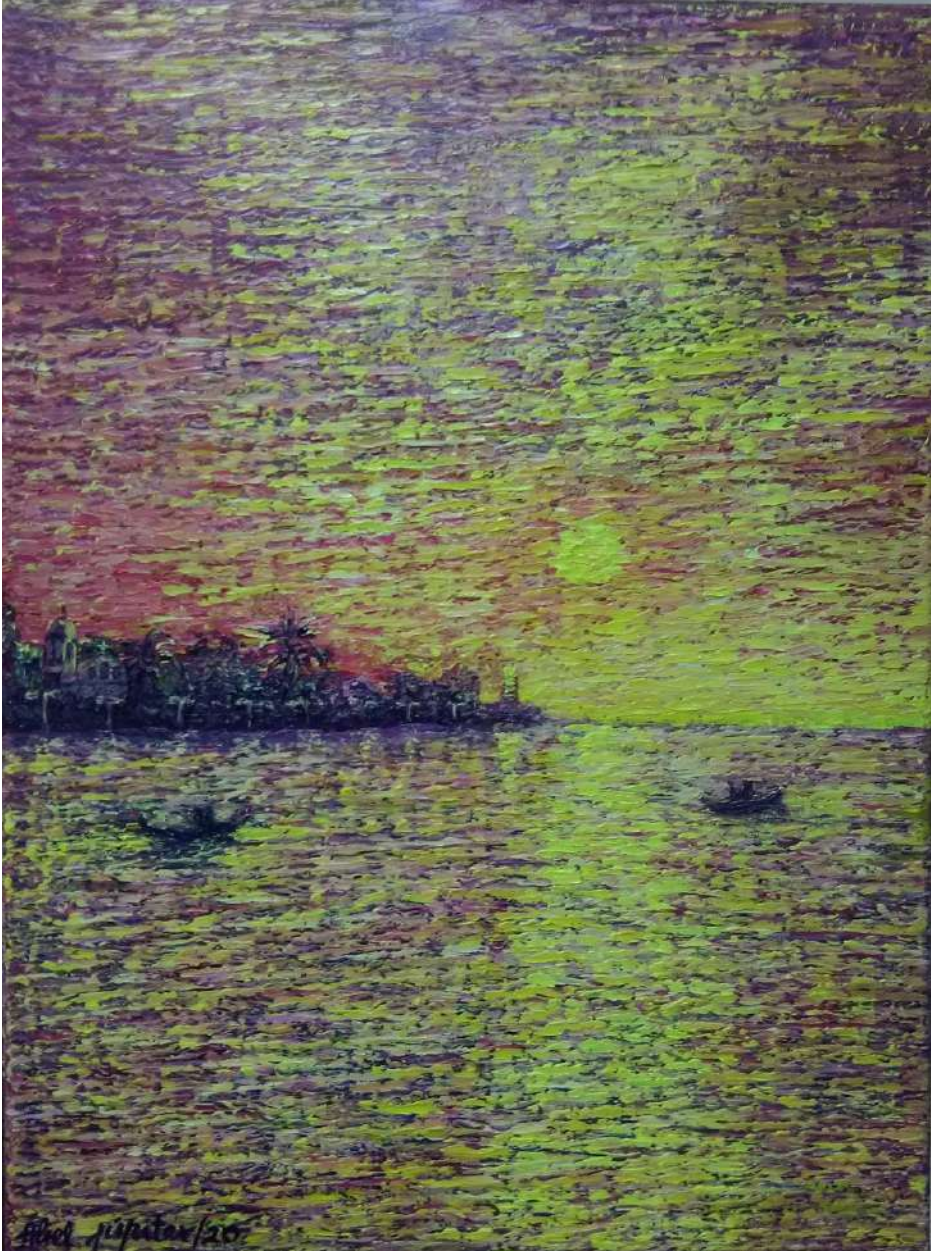
O pescador na Baía de Dili



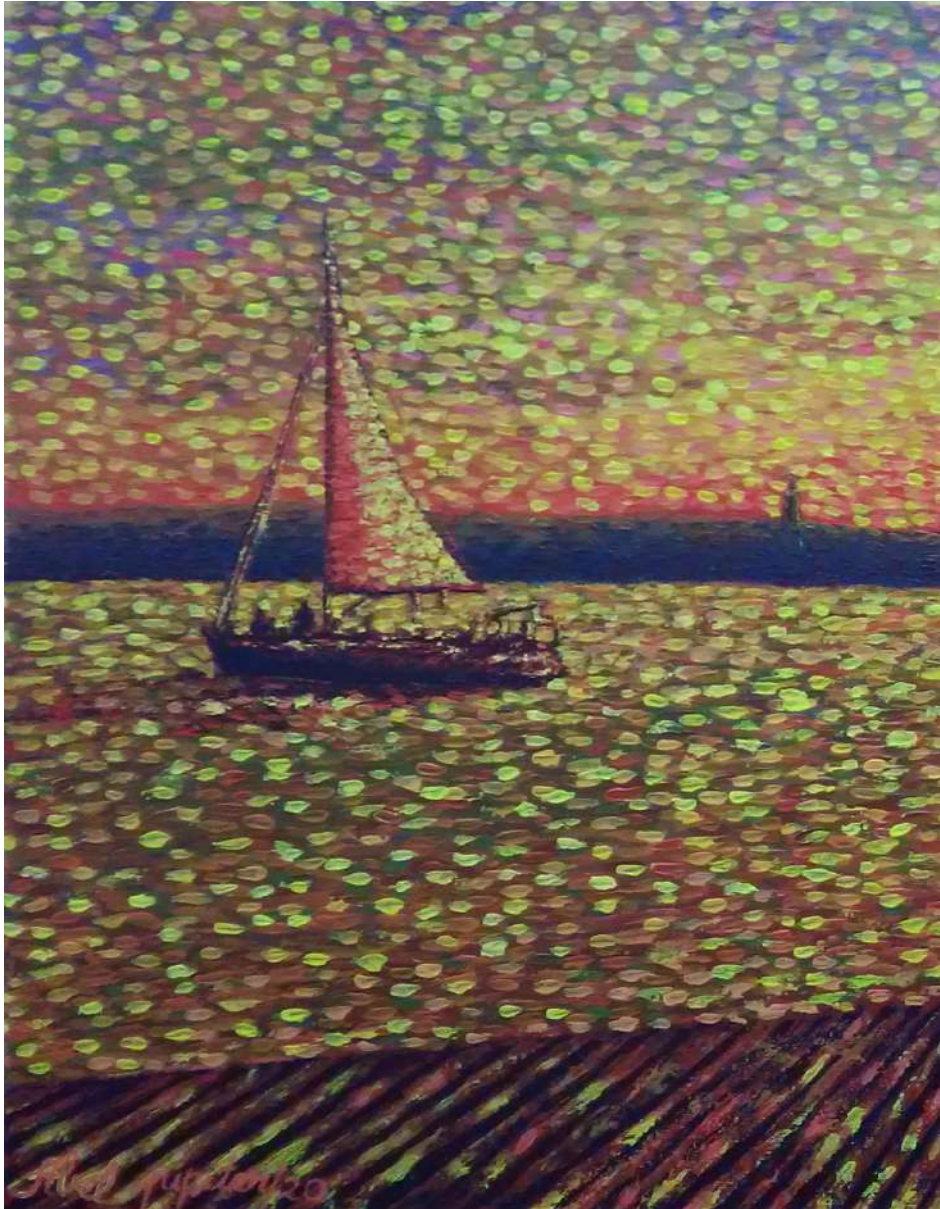
As minhas origens



Entardecer na baía de Dili



Entardecer na baía de Dili





Entardecer em Lisboa



Nenúfares I



Papoilas I



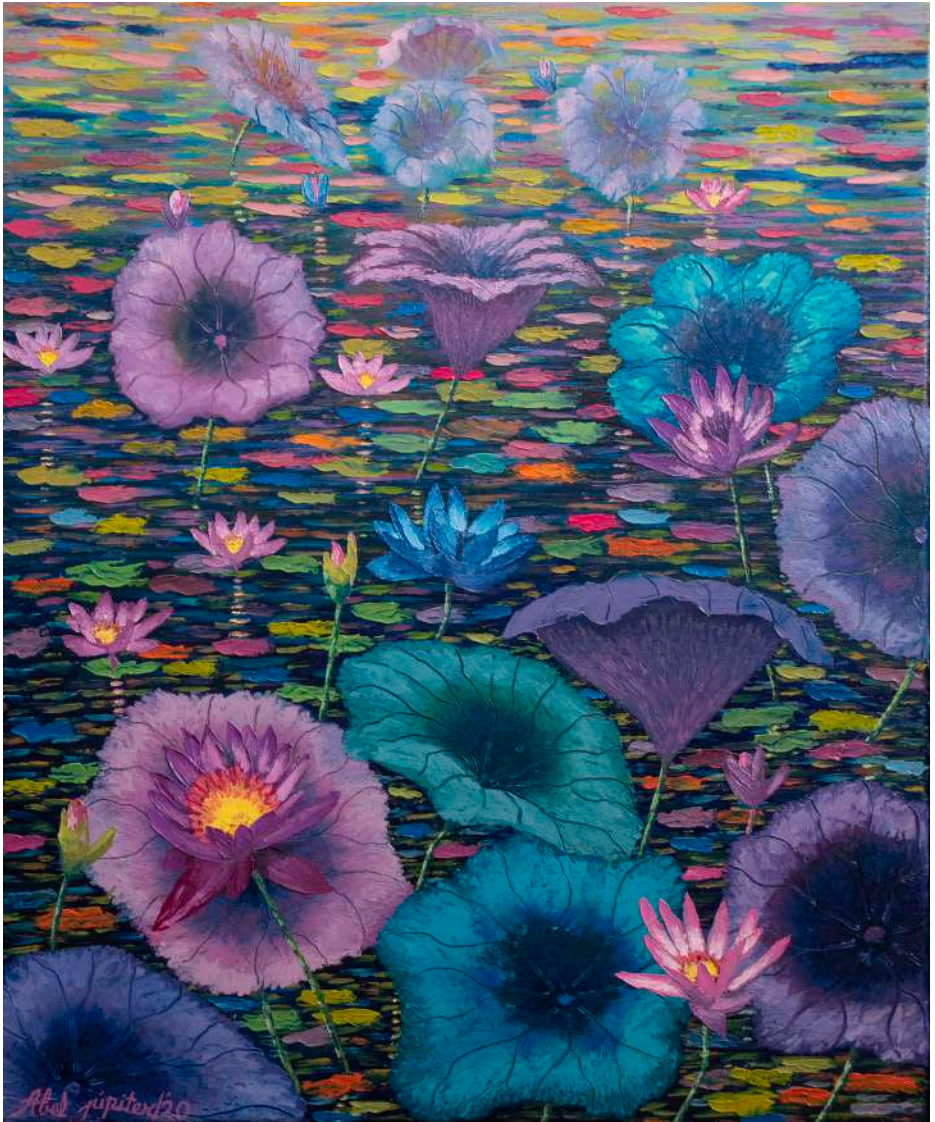
Nenúfares I



Nenúfares II



Nenúfares III



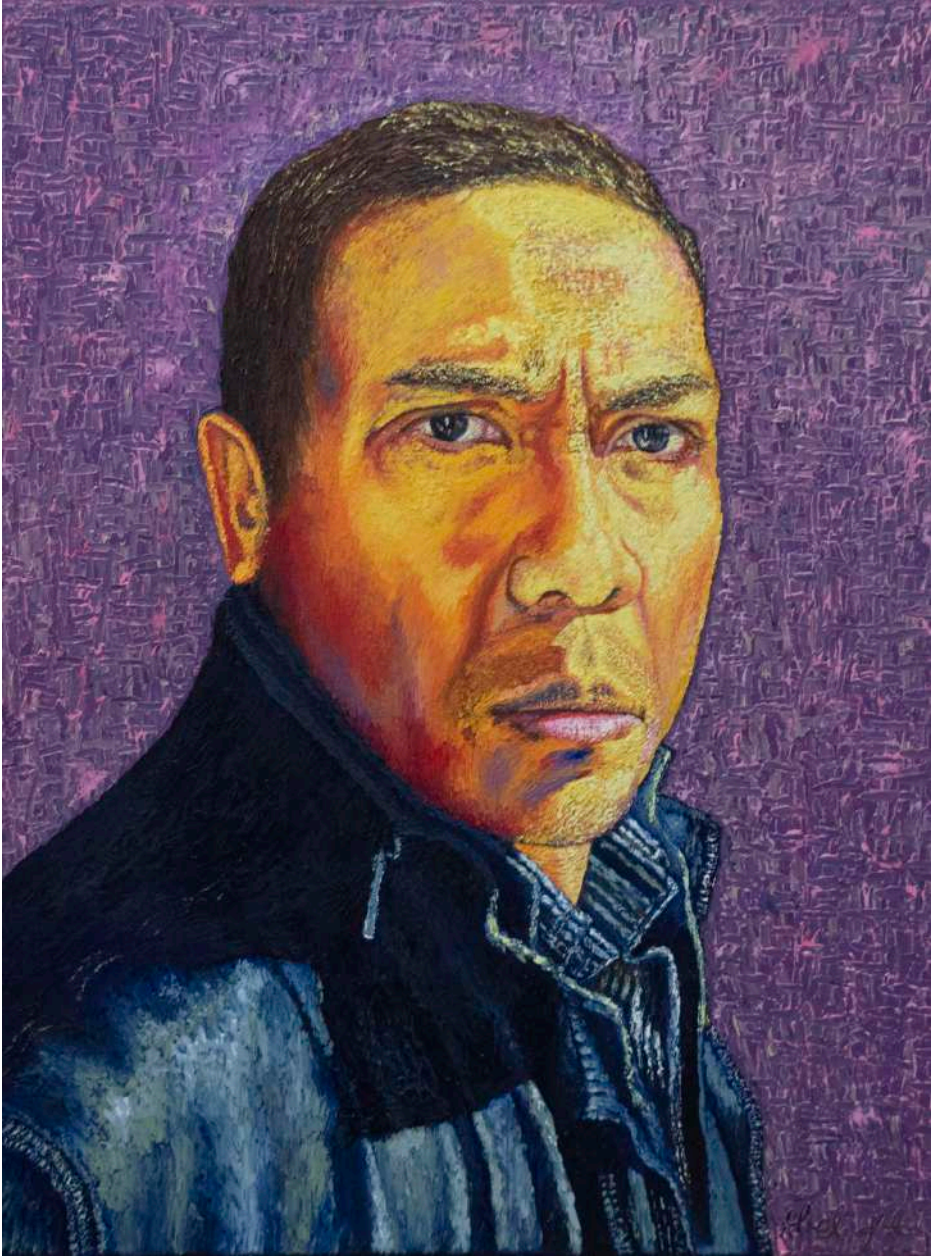
Nenúfares XIV



Nenúfares X



Nenúfares IX



Auto retrato



ABEL JÚPITER - SAUDADE OU ET L'OR DE LEUR CORPS
EXPOSIÇÃO DE PINTURA
1 de junho a 1 de julho de 2022

Curadoria: Paulo Morais-Alexandre

Coordenação do Espaço Artes Politécnico de Lisboa: Paulo Morais-Alexandre

Edição: Politécnico de Lisboa

Conceção Gráfica e Paginação: Raquel Português, DesignLab4u

Impressão: Gráfica 99

Montagem da Exposição: Ângelo Ramiro, Miguel Serra, Vítor Faria

Horário de abertura ao público

2.ª a 6.ª feira das 10h00m às 12h00m e das 14h00m às 19h00m

Copyright © Politécnico de Lisboa / Abel Júpiter - 2022 - Todos os direitos reservados.

Proibido reproduzir e copiar

(Página deixada propositadamente em branco)

CONSULTE ESTA E OUTRAS INICIATIVAS
NA AGENDA CULTURAL DO POLITÉCNICO
DE LISBOA
AGENDACULTURAL.IPL.PT

